



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes:
Arte e Patrimônio como pertencimento"
dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

DO NOME À NARRATIVA: MEMÓRIA AFETIVA NEGRA, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E PERTENCIMENTO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Eliomar Ferreira¹

Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho-UNESP

Resumo

Este artigo apresenta reflexões iniciais da pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes/UNESP), que investiga as potencialidades da memória afetiva negra como mediação pedagógica nos processos de criação artística realizados por estudantes do Ensino Fundamental, anos finais. A proposta parte da transformação do nome dos estudantes em formas simétricas, que posteriormente dão origem à criação de personagens e narrativas visuais em histórias em quadrinhos. A investigação busca compreender como experiências, memórias, referências culturais e formas de pertencimento atravessam os processos de criação em Artes Visuais, possibilitando a construção de imagens relacionadas às vivências dos estudantes. Dialogando com autores que discutem memória, experiência e educação, bem como com referências artísticas e literárias negras, o estudo compreende a criação artística como espaço de elaboração simbólica e produção de sentidos. Em consonância com o tema do V ConOPAE 2026, a pesquisa aproxima as discussões sobre arte, patrimônio e pertencimento ao reconhecer memórias, narrativas e experiências culturais como dimensões constitutivas de patrimônios vivos produzidos e compartilhados no contexto escolar.

Palavras-chave: *Memória afetiva negra; Ensino de Artes Visuais; Pertencimento; Narrativas visuais; Patrimônio vivo*

1. INTRODUÇÃO

Partindo dessas reflexões, este artigo busca compreender de que maneira a memória afetiva negra pode atuar como mediação pedagógica nos processos de criação artística desenvolvidos por estudantes do Ensino Fundamental. Ao acompanhar uma proposta que transforma o nome dos estudantes em personagens e narrativas visuais, a pesquisa analisa as relações entre memória, pertencimento, patrimônio vivo e produção de sentidos no ensino de Artes Visuais.

¹ Eliomar da Conceição Ferreira é mestrando em Artes pelo ProfArtes/UNESP. Bacharel em Artes Plásticas, licenciado em Artes Visuais pela Faculdade Santa Marcelina (FASM) e licenciado em História pela Universidade Paulista (UNIP). Professor de Arte da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Pesquisa memória afetiva, criação artística e ensino de Artes Visuais. E-mail: eliomar.conceicao-ferreira@unesp.br Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/6611183305495824

Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A investigação tem como ponto de partida uma proposta pedagógica que transforma o nome dos estudantes em matéria para a criação artística. Por meio da escrita, dobra e recorte do próprio nome, são produzidas formas simétricas que servem de base para a elaboração de personagens e, posteriormente, para a construção de narrativas visuais em histórias em quadrinhos.

Em consonância com o tema do V ConOPAE 2026, "De alpendres, talhas e gentes: Arte e patrimônio como pertencimento", o artigo aproxima as discussões sobre memória e criação artística das reflexões acerca do patrimônio cultural. Parte-se da compreensão de que o patrimônio ultrapassa a dimensão material dos objetos e monumentos, abrangendo também memórias, narrativas, saberes, experiências e formas de pertencimento que constituem sujeitos e comunidades.

Nessa perspectiva, a pesquisa dialoga com a noção de patrimônio vivo ao reconhecer que histórias, memórias, saberes e experiências compartilhadas também constituem formas legítimas de herança cultural. Ao valorizar as referências culturais e afetivas presentes nas trajetórias dos estudantes, a criação artística passa a ser compreendida como espaço de elaboração simbólica, reconhecimento e produção de sentidos.

2. ENTRE ARTE, MEMÓRIA E DOCÊNCIA: NOTAS AUTOETNOGRÁFICAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Meu interesse pela arte antecede minha atuação docente e está diretamente relacionado ao fazer artístico, especialmente à escultura. Antes mesmo da formação acadêmica, já desenvolvia trabalhos voltados à produção e reprodução de peças artísticas e decorativas, experiência que despertou meu interesse pelos processos de criação, pelas materialidades e pelas possibilidades expressivas da forma tridimensional.

Esse percurso aproximou-me de artistas cujas produções dialogam com questões de memória, identidade, cultura e pertencimento, entre eles Heitor dos Prazeres, Maria Auxiliadora, Emanuel Araujo, Mestre Didi e Rosana Paulino. Da mesma forma, a escrita de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo contribuiu para ampliar minha compreensão sobre memória, experiência e narrativa como formas de produção de conhecimento e resistência.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

As produções desses artistas compartilham o interesse por experiências cotidianas, memórias coletivas, ancestralidades e formas de pertencimento vinculadas às culturas afro-brasileiras. Nas pinturas de Heitor dos Prazeres e Maria Auxiliadora, por exemplo, cenas do cotidiano, manifestações culturais, celebrações populares e vivências da população negra tornam-se matéria para a criação visual. De modo semelhante, as produções de Emanuel Araujo, Mestre Didi e Rosana Paulino evidenciam a presença da memória, da ancestralidade e das identidades negras como elementos constitutivos da criação artística. Essas referências contribuíram para a compreensão de que a arte pode constituir um espaço de elaboração simbólica das experiências vividas, permitindo que histórias, saberes e formas de pertencimento sejam preservados, compartilhados e ressignificados.

Essas referências artísticas e literárias constituem parte importante do repertório que sustenta esta pesquisa, uma vez que evidenciam como experiências individuais e coletivas podem ser transformadas em criação artística. Posteriormente, já no exercício da docência, tais inquietações passaram a dialogar com questões pedagógicas relacionadas ao ensino de Artes Visuais e aos processos de criação desenvolvidos por estudantes em contexto escolar. Nessa direção, a pesquisa aproxima-se das reflexões de Ana Mae Barbosa (2009), ao compreender a arte como campo de produção de conhecimento e de construção de sentidos a partir das experiências culturais dos sujeitos.

A pesquisa aproxima-se da autoetnografia, compreendida como uma abordagem que considera as experiências do próprio pesquisador como parte do processo de investigação. Nesse sentido, as vivências artísticas, formativas e docentes não constituem apenas o contexto da pesquisa, mas participam da construção das questões investigativas, do olhar analítico e das interpretações produzidas ao longo do percurso.

Ao compreender a arte como espaço de elaboração de experiências, memórias e formas de pertencimento, tornou-se possível perceber aproximações entre minha trajetória pessoal e as questões que emergiam da prática docente. Nesse contexto, a memória afetiva negra passa a ocupar lugar central na pesquisa, não apenas como tema de investigação, mas como dimensão relacionada às experiências de representação, identidade e produção de sentidos que atravessam trajetórias individuais e coletivas. A partir dessa compreensão, a criação artística passa a ser entendida como possibilidade de mobilizar memórias, referências culturais e narrativas de

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





pertencimento, constituindo-se como espaço de reconhecimento e elaboração simbólica no contexto escolar. É a partir dessas reflexões que se desenvolvem as discussões apresentadas na seção seguinte.

3. MEMÓRIA AFETIVA NEGRA, PATRIMÔNIO VIVO E PERTENCIMENTO

A escolha pela autoetnografia relaciona-se ao reconhecimento de que minha trajetória enquanto homem negro, oriundo de contextos periféricos e historicamente atravessados por desigualdades sociais e raciais, participa da constituição desta pesquisa. O ingresso em espaços acadêmicos tradicionalmente ocupados por grupos socialmente privilegiados não apaga essas experiências; ao contrário, torna ainda mais evidente a necessidade de refletir sobre como raça, memória, pertencimento e representação atravessam a produção de conhecimento. Como afirma Freire (1996), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, indicando que os sujeitos produzem conhecimentos a partir das experiências que constituem suas trajetórias. Nessa perspectiva, a experiência do pesquisador não é tomada como elemento meramente biográfico, mas como dimensão que contribui para a compreensão crítica do fenômeno investigado.

A partir dessa compreensão, a memória afetiva negra emerge como eixo central da pesquisa, não apenas como tema de investigação, mas como dimensão relacionada às experiências de pertencimento, representação e produção de sentidos que atravessam trajetórias individuais e coletivas. A investigação busca compreender como a memória afetiva negra pode atuar como mediação pedagógica nos processos de criação artística desenvolvidos por estudantes do Ensino Fundamental, especialmente na elaboração de personagens e narrativas visuais produzidas no contexto escolar.

Mais do que discutir apenas produção imagética, o trabalho procura refletir sobre os modos como experiências culturais, sociais e afetivas atravessam os processos de criação em Artes Visuais, possibilitando aos estudantes produzir imagens relacionadas às próprias vivências, memórias e formas de pertencimento.

Nessa perspectiva, a memória é compreendida não apenas como recordação individual, mas como experiência social e cultural compartilhada. Conforme Bosi (1994), as lembranças são



construídas nas relações sociais e preservam experiências, valores e significados produzidos coletivamente ao longo do tempo. A memória, portanto, constitui um campo de elaboração de sentidos que conecta experiências pessoais a contextos históricos, culturais e comunitários.

Ao reconhecer memórias, histórias e experiências como elementos constitutivos da criação artística, a pesquisa aproxima-se das discussões sobre patrimônio vivo, compreendendo que sujeitos, saberes e trajetórias também constituem formas legítimas de patrimônio cultural. Nessa direção, Pereira (2024), ao discutir a A/r/tografia do patrimônio vivo, propõe uma compreensão do patrimônio para além dos bens materiais, reconhecendo as experiências, os afetos, os encontros e as relações humanas como espaços de preservação e produção de memória.

Assim, a noção de patrimônio vivo adotada neste estudo não se restringe à conservação de objetos ou monumentos, mas relaciona-se ao reconhecimento das pessoas, de suas histórias e de seus modos de produzir cultura como dimensões fundamentais dos processos de pertencimento. A memória afetiva negra, nesse contexto, constitui uma forma de patrimônio vivo, na medida em que preserva experiências, saberes, narrativas e referências culturais historicamente construídas e compartilhadas.

Ao aproximar memória afetiva negra, patrimônio vivo e criação artística, a pesquisa busca compreender como práticas pedagógicas em Artes Visuais podem favorecer processos de reconhecimento, autoria e pertencimento, possibilitando que os estudantes transformem suas experiências e referências culturais em narrativas visuais produzidas no contexto escolar.

4. O NOME COMO DISPOSITIVO DE CRIAÇÃO E PERTENCIMENTO

A reflexão sobre o nome como elemento de criação artística não surgiu inicialmente da literatura acadêmica, mas da própria prática pedagógica desenvolvida por mim. Ao observar os processos de criação dos estudantes e experimentar a proposta em sua própria trajetória artística, emergiu a percepção de que os nomes pareciam mobilizar memórias, afetos e formas de pertencimento que extrapolavam sua função de identificação. Essa observação passou a orientar as questões investigativas que sustentam a pesquisa.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Os nomes ocupam um lugar singular na experiência humana. Mais do que identificar indivíduos, carregam histórias familiares, referências culturais, afetos, expectativas e marcas de pertencimento construídas ao longo do tempo. Conforme destacam Amaral e Seide (2020), os nomes próprios ultrapassam sua função identificadora, registrando e perpetuando valores, crenças, referências culturais e experiências sociais compartilhadas por diferentes grupos humanos. Nessa perspectiva, o nome pode ser compreendido como um elemento que articula dimensões individuais e coletivas da experiência, conectando sujeitos às histórias, culturas e contextos dos quais fazem parte.

Essa compreensão aproxima-se dos estudos da Antroponímia, área dedicada à investigação dos nomes próprios. Para esse campo de estudos, os nomes não constituem apenas mecanismos de identificação, mas produções culturais que expressam modos de organização social, tradições familiares, heranças simbólicas e processos históricos. Os nomes carregam marcas dos contextos em que são atribuídos e preservam aspectos da memória coletiva dos grupos aos quais pertencem, evidenciando relações entre linguagem, cultura e identidade.

Essa perspectiva também dialoga com as reflexões de Bosi (2003, p. 66), para quem “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. Ao reconhecer que a memória é construída nas relações entre experiência e cultura, torna-se possível compreender que elementos cotidianos da vida dos sujeitos podem atuar como disparadores de lembranças, afetos e processos de identificação. Entre esses elementos encontra-se o próprio nome, que frequentemente acompanha os indivíduos desde o nascimento e participa da constituição de suas formas de pertencimento.

Nesta pesquisa, o nome é compreendido como uma herança simbólica capaz de mobilizar memórias, afetos e ancestralidades. Atribuído antes mesmo que o indivíduo possa escolher ou compreender plenamente seus significados, ele constitui uma das primeiras formas de pertencimento recebidas pelos sujeitos. Essa perspectiva permite compreender o nome não apenas como um marcador identitário, mas também como um elemento capaz de acionar processos imaginativos e criativos. Ao evocar histórias familiares, referências culturais e experiências vividas, o nome pode funcionar como um dispositivo de criação, mobilizando repertórios simbólicos que se tornam matéria para a elaboração artística.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:



Ao tomar o nome como ponto de partida para a criação artística, a proposta pedagógica busca deslocá-lo de sua função cotidiana e convertê-lo em experiência estética. A palavra escrita deixa de operar apenas como signo linguístico e passa a ser observada como forma visual, composição gráfica e possibilidade narrativa.

Transformar o próprio nome em imagem implica converter uma herança simbólica em experiência de criação. Nesse processo, memórias, afetos, referências culturais e sentidos de pertencimento passam a constituir matéria para a produção artística, permitindo que os estudantes elaborem visualmente aspectos de suas trajetórias e construam narrativas vinculadas às suas experiências de vida.



Figura 1- 2026
fonte: Arquivo pessoal- Eliomar

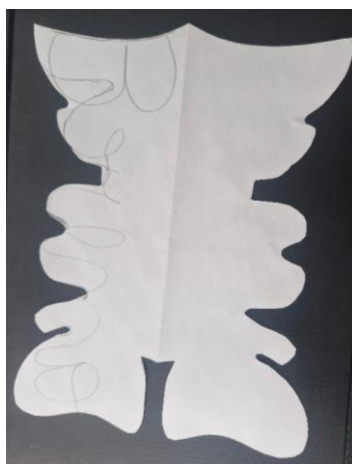


Figura 2-2026
fonte: Arquivo Pessoal- Eliomar



Figura 3 – 2026
fonte: Arquivo Pessoal- Eliomar

5. DO NOME AO PERSONAGEM: MEMÓRIA, CRIAÇÃO E PERTENCIMENTO

A proposta pedagógica desenvolvida nesta pesquisa inicia-se com a escrita do próprio nome pelos estudantes. A escolha desse ponto de partida fundamenta-se na compreensão de que os processos educativos podem tornar-se mais significativos quando mobilizam experiências, referências e saberes pertencentes ao universo dos sujeitos (FREIRE, 1996). Nesse contexto, o



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

nome é compreendido não apenas como elemento de identificação individual, mas também como marca de pertencimento, memória e história.

Após a dobra da folha e a realização de recortes sobre as letras, surgem formas simétricas que servem como ponto de partida para a criação de personagens. O que inicialmente poderia ser compreendido como um exercício formal de composição visual transforma-se em uma experiência de construção de sentidos, na qual os estudantes atribuem características, personalidades, histórias e contextos aos personagens produzidos.

Entretanto, mais do que produzir personagens ou histórias, a proposta busca compreender como os estudantes elaboram visualmente relações de pertencimento, memória e representação por meio da experiência artística. Nesse percurso, o nome deixa de ocupar apenas a função de identificação escrita e transforma-se em imagem, forma, corpo visual e possibilidade narrativa.

Palavra e identidade passam a constituir matéria para a criação artística, permitindo que experiências individuais e coletivas atravessem as produções visuais desenvolvidas pelos estudantes. Ao transformar o próprio nome em personagem, os estudantes são convidados a estabelecer relações entre imaginação, memória e criação, produzindo imagens que dialogam com seus repertórios culturais, afetivos e simbólicos.

Essa experiência aproxima-se das discussões apresentadas anteriormente sobre memória afetiva negra e patrimônio vivo, na medida em que reconhece os sujeitos como portadores de histórias, saberes e experiências que podem constituir matéria para a criação artística. Ao partir de um elemento íntimo e cotidiano como o próprio nome, a proposta valoriza referências frequentemente invisibilizadas nos contextos escolares, possibilitando que os estudantes atribuam novos sentidos às próprias trajetórias e formas de pertencimento.

Desse modo, a construção dos personagens não se limita ao desenvolvimento de habilidades técnicas ou compositivas. Trata-se de um processo de autoria no qual os estudantes mobilizam experiências, afetos e referências culturais para criar imagens que expressam modos singulares de perceber a si mesmos e o mundo. Os personagens produzidos tornam-se, assim, dispositivos narrativos capazes de articular imaginação, memória e representação, constituindo a etapa

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:



inicial de um percurso criativo que posteriormente se desdobra na elaboração de narrativas visuais e histórias em quadrinhos.



Figura 4 - 2026
folha de sulfite cortada em 4
partes iguais dobradas ao meio
com nome escrito com tipos
diferentes

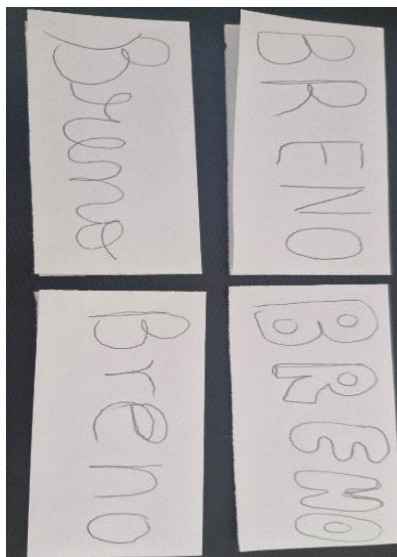


Figura 5 - 2026 formas
simétricas após o recorte em
tono do nome

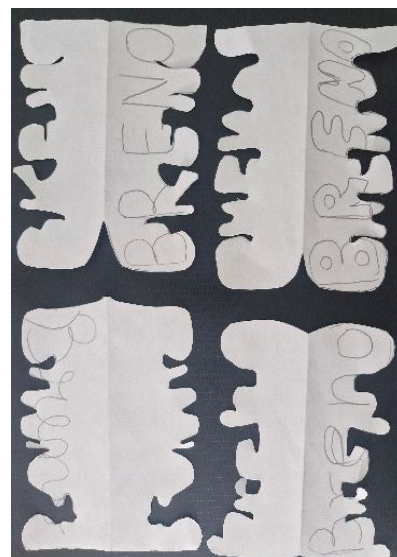


Figura 6 - 2026
composição dos
personagens nas formas



Figura 7 - 2026
Composição da capa para a
história em quadrinho –
Produção autoral do estudante

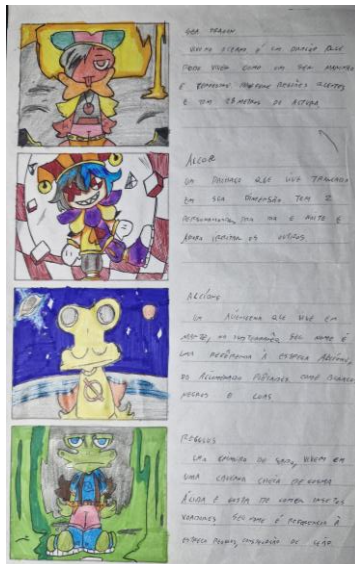


Figura 8 - 2026
página de apresentação dos
4 personagens



Figura 9 - 2026
Estudo de capas onde cada
personagem é o protagonista e um
nico título que deverá servir para
qualquer uma das histórias



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Após a criação e caracterização dos personagens, os estudantes são convidados a desenvolver quatro propostas de capas para histórias em quadrinhos. Em cada composição, um dos personagens assume o papel de protagonista, enquanto os demais ocupam posições secundárias na narrativa. A atividade busca estimular a construção de narrativas visuais, a atribuição de protagonismo e a ampliação dos processos de autoria, permitindo que os estudantes explorem diferentes possibilidades para o desenvolvimento futuro da história em quadrinhos. Um único título deverá ser capaz de dialogar com todas as versões produzidas, incentivando a construção de um universo narrativo compartilhado pelos personagens.

As produções realizadas pelos estudantes evidenciam que o processo não se limita à criação de formas visuais. Ao longo das atividades, os personagens passam a receber nomes, características, histórias, desejos e modos de agir, constituindo narrativas próprias e relações entre si. As fichas de apresentação dos personagens e os estudos de capas produzidos pelos estudantes revelam a construção progressiva de universos ficcionais nos quais memória, imaginação e experiência se entrelaçam. Nesse percurso, os personagens deixam de ser apenas figuras derivadas da simetria do nome e tornam-se dispositivos narrativos capazes de expressar referências culturais, afetivas e simbólicas mobilizadas pelos estudantes.

Embora a pesquisa encontre-se em desenvolvimento, as experiências observadas até o momento indicam que a transformação do nome em personagem favorece processos de autoria e envolvimento dos estudantes com a criação artística. Ao atribuírem características, histórias e contextos aos personagens produzidos, os participantes mobilizam referências culturais, afetivas e imaginativas que extrapolam os aspectos formais da atividade, evidenciando a potência do nome como dispositivo de criação e pertencimento.

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS: APROXIMAÇÕES AUTOETNOGRÁFICA

A pesquisa assume uma abordagem qualitativa e aproxima-se da autoetnografia ao reconhecer que a trajetória do artista-professor-pesquisador participa da construção do problema investigado e da produção de conhecimento. Nesse contexto, as experiências vividas no exercício da docência, os processos de criação artística desenvolvidos pelo pesquisador e as observações realizadas no cotidiano escolar constituem elementos fundamentais para a compreensão do fenômeno investigado.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

As práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula configuram-se como principal campo de observação da pesquisa, sendo compreendidas como espaços de experimentação, reflexão e produção de sentidos. A investigação emerge das experiências construídas no contexto do ensino de Artes Visuais e das questões suscitadas pela própria prática docente, especialmente aquelas relacionadas à memória, ao pertencimento e aos processos de criação artística desenvolvidos pelos estudantes.

Os processos de criação dos estudantes, os registros visuais produzidos durante as atividades, os registros fotográficos, as anotações realizadas em diário de campo e as observações do pesquisador constituem parte significativa do corpus investigativo. Esses materiais são analisados não apenas como resultados finais, mas como evidências dos percursos criativos, das relações estabelecidas e dos significados construídos ao longo das experiências propostas.

Mais do que analisar produtos, a pesquisa busca compreender os processos, relações e sentidos produzidos durante a experiência artística. Nessa perspectiva, interessa observar como os estudantes mobilizam memórias, referências culturais, afetos e formas de pertencimento na construção de personagens e narrativas visuais, bem como refletir sobre o papel do artista-professor-pesquisador na mediação desses processos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar o nome como ponto de partida para a criação artística, esta pesquisa reconhece nele uma herança simbólica capaz de mobilizar memórias, afetos, ancestralidades e formas de pertencimento, transformando experiências individuais e coletivas em narrativas visuais produzidas no contexto escolar.

As experiências desenvolvidas com os estudantes evidenciaram que a memória afetiva negra pode constituir uma importante mediação pedagógica nos processos de criação artística. Ao transformar o próprio nome em personagem, os participantes mobilizaram referências culturais, memórias e experiências que passaram a integrar a construção de imagens e narrativas visuais, fortalecendo processos de autoria, representação e reconhecimento de si.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Do nome à narrativa, a criação artística transforma heranças simbólicas em experiências de pertencimento, permitindo que memórias, ancestralidades e referências culturais sejam reconhecidas como patrimônios vivos no contexto escolar. Por tratar-se de uma investigação em desenvolvimento, os resultados apresentados possuem caráter parcial, apontando para a potência da memória afetiva negra como mediação pedagógica e para a necessidade de aprofundar a análise das narrativas visuais produzidas pelos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

PEDROSA, Adriano; OLIVA, Fernando (org.). **Maria Auxiliadora: vida cotidiana, pintura e resistência**. São Paulo: MASP, 2018.

PEREIRA, Vítor de Sampaio. **#TecedoresDeAfeto: uma A/r/tografia do patrimônio vivo**. 2024. Trabalho Final de Mestrado (Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, 2024.

PRAZERES, Heitor dos. **Heitor dos Prazeres**. São Paulo: Abril Cultural, 1977. (Coleção Grandes Pintores Brasileiros).

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius (org.). **Nomes próprios de pessoa: introdução à antropônimo brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

